# Jorge de Albuquerque Maranhão

Em nossos annaes varios nomes correram os seculos associados á idéa da annexação ao resto do Brasil, não só das terras, que regam o Mearim e o Itapicurú, como das outras suas contiguas alem do Amazonas.

Um d'esses nomes bem conhecido é na historia da Independencia; e bem assignalado ficou em nosso paiz pelo titulo de marquez do Maranhão. Entretanto mais de dois seculos antes d'este, obrava no proprio Maranhão altos feitos um brasileiro de quem hoje me proponho tratar. Já sabeis que me refiro a Jeronymo de Albuquerque Maranhão, que para si tomou o ultimo cognome, ao considerar terminada a campanha que unia ao Brasil este novo estado, do qual veio assim a ser o primeiro *titular* á maneira de tantos heróes da antiga Roma que juntavam aos appellidos de suas familias um novo titulo heroico derivado do paiz onde se immortalisavam.

Não faço aqui aproximações no intuito de estabelecer aliaz desfavoravel parallelo, entre o caudilho moderno e o antigo: entre o vivo e o morto: entre o nobre almirante britanico, cuja fama dois seculos antes (quando as communicações eram menos frequentes e mais raras as imprensas) não seria, como foi tão justamente apregoada, e o modesto capitão nascido em uma pobre e obscura colonia portugueza fóra do leito da legitimidade conjugal

Entretanto se o titulo de marquez do Maranhão conhecido na propria Europa resume ante a historia

o feito da annexação ao imperio, logo depois de proclamado, dos terrenos que ainda se achavam alem da extremadura da legalidade, tambem o simples appellido *Maranhão* posposto ao de Albuquerque apregôa a memoria do heróe que primeiro conquistou e povoou essa parte do Brasil.

O supremo magistrado do novo imperio depoz sobre a fronte do moderno almirante pacificador a corôa de perolas e florões; mas o busto de não pequeno vulto do velho truxamante dos indios, do primeiro fundador do actual marquezado ainda não teve mão bemfazeja que lhe cingisse as corôas triumphal e castrense, a que lhe dão jus os feitos que obrou.

A outro mais afortunado virá a caber essa gloria; por quanto a minhas debeis forças apenas é dado ir desde agora juntando aqui para essas corôas umas poucas de folhas de louro e algumas palanias ainda mal faceadas Fique-nos, porém, a consolação que se o primeiro teve desde principio a sancção do poder, rematando todas as duvidas e hesitações ácerca da validade do seu serviço, e o segundo esperou pela sancção dos seculos e a recebe de todos os obreiros do passado,—do tribunal da historia,—em compensação o marquezado acabará em uma vida, e o cognome já se perpetúa, sem custar da familia nenhuns tributos ao estado durante dois seculos e meio e passará aos seculos vindouros sem dependencia alguua do poder.

Asseguro-vos, Srs., que estremeci de alegria e de enthusiasmo quando pela primeira vez attentei na nobre audacia com que o heróe pernambucano, com uma sem cerimonia quasi selvagem, e bem natural a um chefe de indios, lavrou por assim dizer por si mesmo alvará, intitulando-se (pela primeira vez) *Maranhão* ao sellar com a sua assignatura a capitulação feita com o chefe francez inimigo Ravardière aos 27 de Novembro de 1614. Oh! que coração robusto não devia ser aquelle do tal pernambucano para ousar ir adoptando esse cognome, arrostar as

satanicas risotas de contemporaneos e até as hostilidades dos seus emulos! Mas ainda bem! Esse martyrio momentaneo lhe valeu o estarem ainda hoje perpetuando seu grande feito todos os descendentes, todos os que se appellidam—Albuquerque Maranhão.—E por minha parte, senhores, ainda mais uma vez digo que a este respeito sinto não ver outras tantas trombetas da fama, outras tantas familias, perpetuando no presente os maiores feitos da historia patria: quando menos as victorias assignaladas contra os inimigos estranhos v. g nos Guararapes ou contra os elementos v. gr. nos descobrimentos dos nossos sertões. Já prevejo que não faltará quem acoime estes meus sentimentos como inçados de sediças idéas aristocraticas. Julguem os aristarchos como quizerem, que não será a primeira vez, que me terão accusado de um modo iniquo, por me julgarem destacadamente. Creio que voto a devida homenagem ao principio democratico, occupando-me, como ora me occupo, do homem que por si só, filho illegitimo de uma india, se levantou por assim dizer do nada. Mas ao mesmo tempo com as biographias de muitos heróes brasileiros, não posso deixar de protestar contra os que dizem que não ha n'este imperio tradições de gloria, familias historicas, familias de gloria tradicional e cujos descendentes já gozam por tanto do *major ê longiquo reverentia.* E muito mais haverá no futuro, de modo que até estimara que passassem a ser appellidos de familias muitos titulos que já recommendam feitos illustres, embora esses titulos não venham a ser hereditarios.

Assim quem ao simples appellido de Mauá não veria no futuro a lembrança do primeio patricio emprehendedor que entre nós fez, no reinado de Pedro II, estrear as locomotivas do vapor sobre as vias ferreas?—Quem ao simples nome de Uruguay não se recordaria com orgulho da politica que, tambem no reinado de Pedro II, fez baquear o tigre sedento de Buenos-Ayres?

Classifiquem como queiram estas nossas aspirações, mas façam-nos a justiça de que não somos capazes de trahir a nossa consciencia, só por adular as idéas que es-

tão mais em voga. Em nosso entender são os grandes feitos que se associam para sempre na historia aos que os praticaram, que não só justificam, como quasi que instinctivamente sanccionam a mudança dos seus nomes ainda entre os povos mais democraticos do mundo. Votai-lhes o cognome em vossos comicios ou intitulai-os com qualquer dos gráos da hierarchia convencional nas monarchias civilisadas pelo christianismo; designai o grande homem pela simples autonomasia que qualifica o seu feito glorioso ou por essa autonomasia precedida do titulo de duque, marquez, conde, visconde ou barão, a tendencia geral da humanidade a admirar em qualquer homem superior um serviço ao seu paiz ou á humanidade será sempre a mesma.

A recompensa publica sanccionada pelo soberano, quer seja este representado no povo, quer na pessoa do chefe do estado, tem por fim principal proclamar publicamente herança de gloria da nação o serviço que de outra fórma poderia ser obscurecido ou contestado pela maledicencia, pela inveja ou até pelo justo brio dos offendidos. Os florões concedidos aos heróes de Malakoff e de Tetuan para si e seus descendentes são não só estimulos a novos heróes como tambem brazões com que a França e a Hespanha quizeram perpetuar os grandos feitos que esses titulos resumiram entre as gerações do porvir, e perpetuar... não só nas columnas das publicações periodicas e nas paginas da historia (cujos leitores são sempre uma parte diminutissima nas nações) mas até em meio das praças e dos salões, tanto nacionaes como estrangeiros, as vezes dos proprios cujas derrotas esses nomes apregoam.

Do grande numero de filhos legitimos e naturaes que legára ao Brasil seu pai o velho capitão portuguez tambem Jeronymo d'Albuquerque, parente do heróe (da Asia) Affonso de Albuquerque, e cunhado do primeiro donatario de Pernambuco Duarte Coelho, nenhum veio a adquirir maior celebridade do que o conquistador do Maranhão. Uma india, chamada na pia baptismal Maria do Espirito Santo, filha do chefe ou principal que os nossos

conheceram pelo nome de *Arco-Verde*, o déra á luz em Olinda no anno de 1548.

Quasi desde os primeiros annos o joven olindense se foi habituando ao exercicio das armas, acompanhando ao capitão seu pai e ao chefe seu avô materno nas campanhas porfiadas contra os indios do lado de Iguaraçú que concluiram a pacificação da capitania. Quanto á educação litteraria deu-se ella por finda apenas conseguira aprender com os jesuitas a ler e a escrever, aperfeiçoando-se um pouco no portuguez; pois a lingua india ou tupica era a que no berço primeiro ouvira.

Contava Jeronymo de Albuquerque, filho, mais de vinte annos quando foi chamado a tomar parte nas novas campanhas que terminaram na definitiva occupação do porto da Parahiba. E tão respeitado e temido veio a ficar da indiada de todos aquelles contornos que, poucos annos depois, quando a occupação do Rio Grande do Norte começou a julgar-se indispensavel, á segurança da colonia, foi o escolhido pelo capitão de Pernambuco Manoel Mascarenhas Homem para capitanear a gente de guerra, que devia acompanhal-o n'essa empreza.

Com Manoel Mascarenhas e toda a expedição fundeou Jeronymo Albuquerque fóra da barra do Rio Grande no dia 17 de Dezembro de 1597, no dia immediato entrou no porto, e tratando-se de fundar a povoação que em virtude da época do anno em que tinha lugar foi denominada do Natal.

Apenas o capitão Mascarenhas viu fundada a nova colonia e tudo em andamento, entregou a direcção d'ella e seu commando interino a Jeronymo de Albuquerque, e recommendando ao capitão da Parahiba Feliciano Coelho de Carvalho que prestasse ao novo capitão do Rio Grande os soccorros que elle necessitasse, se retirou a Olinda.

Esta retirada alentou os indios visinhos, que só pela experiencia tiveram que reconhecer os brios do novo capitão que pensavam vencer.

Os chefes Itapuan-guassú, Sorobabé e Ubiratining ou Pao-secco, convencidos de que pela guerra não levavam

a melhor chegaram afinal a pedir pazes e a prestar sugeição ao bravo neto do seu companheiro Arco-Verde, e o tempo lhes provou que tinham contado devidamente com a lealdade do chefe pernambucano.

Os serviços de Jeronymo de Albuquerque no Rio Grande não tardaram a ser apreciados e recompensados pela corôa. Por carta patente de 9 de Janeiro de 1603 foi o já illustre Pernambucano provido na capitania do forte do mesmo Rio Grande por seis annos, na vagatura dos providos antes de Janeiro de 1601.—Por este tempo foi tambem feito fidalgo da casa real.

Durante a estada de Jeronymo de Albuquerque no Rio Grande tiveram lugar as mallogradas emprezas de Pero Coelho e João Soromenho para os sertões do Piauhy e Maranhão e a de Martim Soares na fundação da capitania do Ceará, e a umas e outras teve elle que prestar todo o auxilio a alcance dos recursos de que dispunha,

Depois da fundação da Capitania do Ceará se tratou de realisar a de outra mais alem. Aceitou para isso a côrte o plano que lhe foi dado pelo governador geral D. Diogo de Menezes, e commetteu a sua execução ao successor d'este Gaspar de Sousa, ao depois primeiro donatario da capitania do Coité que alcançava até o Turiassú.

Era tal a reputação de que em Pernambuco gosava Jeronymo de Albuquerque, já então sexagenario, e o credito que elle alcançara entre os indios d'aquelles sertões que o novo governador geral não hesitou em confiar-lhe o desempenho da nova empreza. E na propria patente de 29 de Maio de 1613 o mesmo Gaspar de Sousa declarou que o fazia «pela confiança que d'elle tinha, e ser experimentado nas guerras d'este estado» e pela «satisfação que tinham de sua pessoa os indios». Com tres navios partiu Jeronymo de Albuquerque de Pernambuco em Junho de 1613 dirigindo-se ao Ceará afim de ahi receber o reforço que lhe prestasse o verdadeiro fundador d'esta capitania Martim Soares Moreno, ao depois companheiro de André Vidal nas victorias contra os hollandezes.—Juntos partiram, seguindo a costa para o Oeste em busca do

melhor sitio para fundar a nova colonia. O porto de Camocim foi abandonado por incapaz, sendo preferido a bahia de *Jurará-coára* ou das Tartarugas. Aqui chegou Albuquerque a fundar uma povoação, á cuja igreja foi dada a invocação da Senhora do Rosario

Com a noticia porém da forte colonia que acabavam de fundar alli perto—na ilha do Maranhão, os francezes, julgou prudente mandar a tomar d'ella informações o seu companheiro Martim Soares. E deixando ao mesmo tempo na povoação do Rosario uma guarnição de quarenta homens, regressou a Pernambuco com a idéa de trazer d'ahi mais gente e abastecimentos.

Em Pernambuco encontrou já o velho chefe as ordens apertadas que acabavam de chegar da Europa para serem os francezes expulsos do Maranhão, com ajuda de alguns reforços trazidos por Diogo de Campos que antes fôra sargento-mór d'este Estado. Para a nova empreza confirmou o governador em 17 de Junho de 1614 a nomeação de Jeronymo de Albuquerque, e embora n'essa patente se lhe chame apenas «capitão da conquista e descobrimento das terras do Maranhão»—o nosso chefe começa desde então a ser tratado por capitão-mór inclusivemente pelo mesmo antigo sargento-mór Diogo de Campos, que lhe foi dado por companheiro, e que veio a ser seu rival e emulo, como se descobre manifestamente na relação que corre impressa de toda esta jornada de que veio a ser chronista.

Aprestou-se a expedição com grandes difficuldades e trabalhos, e novos trabalhos e novas difficuldades foram os expedicionarios encontrando pelo caminho da Parahyba para o Norte para se reforçar melhor de gente e provisões. As arribadas no Rio Grande, nos portos do Ceará, na bahia das Tartarugas só serviram de enfraquecel-os e desprestigial-os, e de provar a perseverança e grandeza d'alma do chefe a quem fôra commettida a empreza.

Ao cabo de quasi tres mezes fundearam no porto do Priá, e ahi se começava já um forte quando em conse-

quencia da falta de bôa agua potavel Albuquerque resolveu levantar campo para escolher sitio mais apropriado.

Fizeram-se, pois, novamente de vela os navios e em meio de trabalhos e perigos foram entrando pela bahia do Maranhão do lado de aquem da ilha, e vieram só para fundear 4 leguas antes da fóz do rio Monim. Foi ahi o sitio em que Albuquerque assentou de tomar pé e fortificar-se contra a visinha colonia franceza situada no local em que hoje está a capital do Maranhão, e que ainda se chama cidade de S. Luiz, como em honra de seu rei Luiz 13º a denominaram os primeiros fundadores. A' nova colonia deu Albuquerque o nome de Arrayal de Santa Maria da Guaxinduba.

Não tardaram as hostilidades da parte dos francezes e dos indios visinhos seus alliados.

Primeiro se limitaram a reconhecimentos; mas por fim no dia 19 de Novembro de 1614, quando se contavam apenas vinte e cinco dias que alli haviam chegado os nossos, se apresentou com grande força o chefe da visinha colonia franceza.

E' sabido como effeituado o desembarque de parte de suas tropas, que logo se fortificaram em terra, umas na praia, outras em um morro á cavalleiro do nosso forte foram completamente derrotados, graças ás providencias e bravura de Albuquerque e do seu emulo Diogo de Campos, que nos feitos praticados n'este dia pelo seu companheiro nem se atreve a desmerecer-lhe os serviços como tantas outras vezes pratica no seu aliás mui valioso escripto que intitulou *Jornada do Maranhão*.

O capitão francez Ravardière, que tão arrogante e confiado parecia, depois desta derrota onde succumbiu o seu immediato Pezieue e principalmente depois da correspondencia que teve com elle o velho pernambucano, já Albuquerque Maranhão, cobrou por este tal respeito que quasi se póde dizer que o ficou temendo; pois só por sentimento de temor se explica a excessiva annuencia com que se prestara depois ás intimações cada vez mais exigentes do nosso chefe até fazel-o embarcar para França, intimações aliaz contrarias ao que antes ambos

haviam pactuado —Na mencionada correspondencia é mui admiravel aquella frase com que Albuquerque, desculpando-se do tratamento dado ao trombeta parlamentario inimigo que retivera preso, assegura que melhor o houvera tratado, se estivesse na sua terra; mas que alli elle e os seus eram homens para quem sobrava como sustento um pedaço de cobra com um punhado de farinha, se a havia.

O prazer de Jeronymo de Albuquerque ao ver embarcar-se de todo para França o inimigo que vencera não foi completo. Um grande desgosto veio amargurar-lhe os ultimos dias. Quando o embarque teve lugar já elle de chefe superior dos nossos no Maranhão havia passado a immediato pela chegada de Alexandre de Moura, com novos reforços que á Europa fôra sollicitar o seu emulo Diogo de Campos.

O arrayal de Santa Maria de Guaxinduba decahiu com a sahida de seus defensores para a ilha do Maranhão. As poucas familias que ahi ficaram vieram a constituir o nucleo de outra povoação, que depois se foi desenvolvendo com o nome de—Santa Maria de Anajatuba —a qual hoje tem fóros de villa.

O illustre Jeronymo de Albuquerque Maranhão falleceu aos 11 de Fevereiro de 1618, e deixou pelo menos tres filhos, que todos foram fidalgos da casa real; e foram:

1.º Antonio de Albuquerque Maranhão, que fôra ferido na acção de 19 de Novembro e interinamente succedeu a seu pai e veio depois a ser governador da Parahyba, dizendo-se no decreto (de 9 de Agosto de 1622) que pelos seus proprios serviços e os de seu pai, motivo porque foi tambem agraciado (14 de Agosto de 1630) com cinco leguas de terra no Maranhão.

2.º Mathias de Albuquerque Maranhão, 1.º capitão de Gurupy, que foi (2 de Agosto de 1628) pelos mesmos motivos agraciado com uma sesmaria de terra.

3.º Jeronymo de Albuquerque Maranhão que chegou a ser nomeado (23 de Janeiro de1 623) capitão-mór

do Rio de Janeiro, e veio a morrer no ataque dos hollandezes no Rio Grande.

D'estes varões illustres do Brasil dos tempos coloniaes me proponho tratar em separado, bem como de outros muitos, infelizmente de todo esquecidos, incluindo André Vidal, cuja biographia não foi ainda escripta. Oxalá, á proporção que d'elles me vá occupando, obtenham meus esboços igual sorte aos que anteriormente vos tenho offerecido, vindo a ser, sob fórmas menos severas, derramados por outrem pelo commum dos leitores.

F. A. DE VARNHAGEN.